VERSOS MORTOS

OU SONHOS QUE DEIXAMOS NA ESTRADA

RAFAEL MARTINS MARCONDES

A Absoluta teoria da derrota de si mesmo 6

(Uma história de derrota após o primeiro ato de um fim) **Error! Bookmark not defined.**

Aperte estrela e aguarde 8

Araguaia 9

Azevedo 11

Balada de uma tarde de segunda qualquer 13

Caminhos de diamantes rumo à Morte 15

Castanho olhar 18

Jukebox 20

Nada além de Nós 22

Num canto do Hemisfério Norte 24

O Bruxo e a Meretriz 25

O Jardim suspenso e um final de tarde ao céu azul 26

O Sol das Trevas e o Iluminado 28

Oração de Perdão aos meus atos 29

Quero embora amor 33

saudadinha de vc sabia? 34

Sou Eu, Talvez? 36

Todas músicas que amo mesmo não sabendo amar 38

Trilhos 40

Tudo de Novo 42

Tudo que o tempo leva é vão 44

Vade Retro 45

Vou encontrar a chave 52

Dedico estas páginas, aos erros e acertos, mas acima de tudo para capacidade de tentar de novo.

A GL.'. do G.'.A.'.D.'.U.'.

A Absoluta teoria da derrota de si mesmo

(Uma história de derrota após o primeiro ato de um fim)

Estendam as mãos a quem caiu no meu próprio erro
E chutam as covas dos que morreram sem segredo
A me contar quantas ruas você caminhou pra me achar
Naquela noite suja eu estava me lavando numa poça de lama
E agora você vem de novo me cortar com seus olhos
A me jogar e a me bater pra longe de onde você estará amanhã
Agora que eu vi que o caminho está diante pra voltar
E me lanço na própria existência de não ser nada além de você
Ele me espera em um bar segurando um café amargo
E não sei se devo esperar pra mudar a direção do vento
E me leva pra onde eu possa estar seguro
E me espera num mundo sem abuso
Onde tudo é igual e meu ser é mais imortal que aqui
Carrega em teus braços fracos o peso da dor
De deixar passar
De deixar pra trás
Tudo em que acreditou
Ofélia, a louca, te cobre de elogios
Sobre o que você nunca fez
E me leva pra longe dessa estrada suja
Agora que vejo além dos comercias de TV
Tudo está tão distante
E você nem está aqui pra me fazer dormir
E eu corro pra longe e vejo no fim daquela estrada

A nascer mais uma flor
E talvez eu volte a acreditar que é possível
E talvez até voltar
E talvez eu faça bem melhor
Mas um dia vou querer deixar e começar tudo de novo
Só pra você esperar

Aperte estrela e aguarde

Pelo momento, fique calada
Pelo menos até a dor de cabeça passar
Encontrarei os remédios que perdi?
Minha inocência escorre pelo ralo
Invalidez de sentidos perdidos
Beija minha boca,
A dor do meu corpo nunca passa
Aceitação do estado imutável do ser
É fácil empurrar sua insatisfação para outro
Pelo momento, deixe um recado
Não vou te atender tão cedo
Nem quero entender teu coração
Perdido na noite; caminharei
Pra sentir o suor molhar minha blusa
Esqueça-me
Nada é eterno; entenda isso, por favor,
Segure minha mão e leve o pouco que sobrou
Não estou ficando louco,
Mas faz frio demais aqui, não prometa!
O maior motivo da multidão louca estar aqui
Promessa inválida perante um olhar triste
Não finja se importar, não queira uma palavra
Caído com o dedo em riste, clamo pela salvação
Vem e me salva, dessa noite pelo menos
E fique satisfeita com o resto do meu coração...

Araguaia

Entregas tua lealdade a mais um capitão
Quão covarde foste a fugir da luta diária
Agora barra o pão nos portões
Onde está o Grande Irmão?
Moraste na ladeira mais imunda que já viste
Esqueceste que um dia fora um vencedor sem causa
Um rebelde de extrema direita a matar um Führer
Sim, onde estás tua lealdade, soldado?
Soltas gritos nas trincheiras que ninguém luta
Colocaste em xeque toda escuridão a que serviste
Deixa de ser a plenitude
Deixa
Queimastes os panfletos liberais nas avenidas
Comandaste mais um manifesto libertário
Porcos imundos que nunca perceberão
Que o que tentam apagar está gravado na alma
O Povo corre em meio ao sítio em liberdade
Vem me torturar, covarde
Tira de mim a consciência de ser e de estar
Nunca chegara
Onde estás tudo é inverdade e a injustiça te alimenta
Enfia minha boca no escapamento
Talvez assim envenene meu espírito
Não é isso que você quer tirar de mim?
Alma impostora que caminhas ao som dos clarins
Não tenho medo de cavalaria branca nem negra
Engulo todas as balas que atiras ao céu
E não consigo respeitar-te